

Aquela travessia durou só um instantezinho enorme: seguindo na busca por compreensões das pesquisas em educação popular

Valéria Oliveira de Vasconcelos¹; Tiago Zanquêta de Souza²

Resumo

Este artigo, de natureza teórica e ensaística, tem como objetivo investigar a produção científica dos últimos 21 anos nos Anais das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), especificamente do Grupo de Trabalho 06 – Educação Popular. Para tanto, garimpamos palavras geradoras presentes nessas publicações e buscamos apreender como essa *práxis* educativa vem alicerçando a cosmovisão do grupo por meio das pesquisas e práticas que a sustenta. A metodologia se assentou em estudo qualitativo, descritivo e analítico por meio do Estado da Arte. Para a coleta de dados utilizamos o aplicativo *Voyant tools*. O corpus teórico consiste em 48 resumos expandidos e 223 trabalhos completos, com a participação de 245 autoras e 93 autores. A análise dos dados foi realizada tomando as dez palavras geradoras mais frequentes nessas publicações e articulando-as com referencial específico. Os resultados indicam que a Educação Popular que emerge das pesquisas do GT06 é biófila e majoritariamente freiriana, feminina e feminista. Ademais, a EP foi para a escola! Os processos de pesquisa e ação sedimentam caminhos com os grupos sociais periféricos com quem são investigadas práticas na educação escolar/não escolar, na saúde e na cultura, mediatizadas pelo mundo.

Palavras-chave

Grupo de trabalho. ANPEd. Educação Popular. 40 anos. Processos.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (Brasil) em cotutela com a Universidade de Salamanca (Espanha); estágio pós-doutoral na Universidade Federal de São Carlos e na Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, Brasil; professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense, Santa Catarina, Brasil. E-mail: profa.valeria@uniplaclages.edu.br.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil; professor e coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação; professor do Programa de Pós-Graduação em Educação: formação docente para a Educação Básica – Mestrado e Doutorado Profissional, ambos da Universidade de Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: tiago.zanqueta@uniube.br.

That crossing lasted only a tiny huge moment: continuing in the search for understandings of research in popular education

Valéria Oliveira de Vasconcelos³; Tiago Zanquêta de Souza⁴

Abstract

This article, of a theoretical and essayistic nature, aims to investigate the scientific production of the last 21 years in the Annals of the National Meetings of the National Association for Postgraduate Studies and Research in Education (ANPEd), specifically Working Group 06 – Popular Education. To do this, we searched for generating words in these publications and tried to understand how this educational praxis has been building its worldview through the research and practices that support it. The methodology was based on a qualitative, descriptive, and analytical study using the State of the Art. We used the Voyant tools application to collect the data. The theoretical corpus consists of 48 Expanded Abstracts and 223 full papers, with the participation of 245 authors and 93 authors. The data was analyzed by taking the ten most frequently generated words in these publications and linking them to specific references. The results indicate that the Popular Education that emerges from the WG06 research is biophilic and mostly Freirian, feminine, and feminist. What's more, PE went to school! The research and action processes establish paths with peripheral social groups with whom practices in school/non-school education, health and culture are investigated, mediated by the world.

Keywords

Working group. ANPEd. Popular Education. 40 years. Processes.

³ PhD in Education, Federal University of São Carlos, State of São Paulo, Brasil; in co-supervision with the University of Salamanca, Spain; post-doctoral internship at the Federal University of São Carlos and the State University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; professor of the Postgraduate Program in Education, University of Planalto Catarinense, Santa Catarina, Brazil. E-mail: profa.valeria@uniplaclages.edu.br.

⁴ PhD in Education, Federal University of São Carlos, State of São Paulo, Brazil; professor and coordinator of the Postgraduate Program in Education; professor of the Postgraduate Program in Education: teacher training for Basic Education – Master's and Professional Doctorate, both at the University of Uberaba, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: tiago.zanqueta@uniube.br.

Preâmbulo

Organizamos este texto em cinco partes, separadas dentro dos moldes propostos pela Revista de Educação Popular (UFU). Desde o título e ao longo da escrita, emprestamos frases de João Guimarães Rosa (1986) para auxiliar na travessia. Iniciamos com uma introdução, denominada “Textos e contextos”, em que apresentamos caminhos percorridos por pesquisadores e pesquisadoras na criação do GT06, ressaltando a importância dos processos na educação popular (EP) e indicando os objetivos do presente ensaio. Em seguida, trazemos a metodologia, no item intitulado “Peneiras de garimpagem”, partindo do Estado da Arte, apontando os instrumentos de coleta e os passos percorridos para essa tarefa. Nos resultados e discussão – “Atravessando percursos, compreendendo trajetos” – aprofundamos a problematização sobre as dez palavras geradoras elencadas na garimpagem anterior, articulando-as com referencial específico. Nas considerações finais – “Viver nem não é muito perigoso?” – levantamos alguns desafios do GT06 e da EP no momento atual do Brasil e da América Latina.

Como poder-se-á notar, nossa escolha epistemológica nos conduz a uma digressão nesta estrutura acadêmica formal, uma vez que as principais palavras geradoras – emergidas do *corpus* teórico que alicerça as argumentações – irão aparecer ao longo do artigo e serão encadeadas com os temas emergentes, e não unicamente nesses módulos fechados.

Texto e contexto

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (João Guimarães Rosa).

Consideramos que a travessia é uma excelente metáfora para ilustrar as práticas da EP, uma vez que é no percurso e nos trilhares da vida que nos educamos constantemente. Por isso, para nós, pesquisadoras⁵ e educadoras populares, é fundamental entender o que ensinamos e aprendemos em nosso quefazer investigativo e no cotidiano de nossa existência: na universidade, na escola, na rua, na associação de bairros, na igreja, na praça, na floresta, no campo, no trabalho (Brandão, 2020).

⁵ Como uma escolha política e sempre respeitosa, utilizaremos neste ensaio o feminino como genérico, uma vez que representamos a autoria de 72,5% dos trabalhos aqui analisados, como será exposto mais adiante. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, Edição Especial, p. 10-30, out. 2023.

Como sujeitos inconclusos aprendemos perene e constantemente. Como assevera Freire (2001, p. 12):

A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse econômico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo fato de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza “não apenas saber que vivia, mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais”. A educação e a formação permanente se fundam aí.

“Processo” é uma das palavras geradoras com maior destaque nos Anais do Grupo de Trabalho (GT06) – Educação Popular – das Reuniões Nacionais (RN) da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) nos últimos 21 anos. E isso se mostra muito coerente com as premissas dessa práxis educativa.

Se o processo de aprender-e-ensinar (Brandão, 2020) é permanente, partimos igualmente do pressuposto de que as experiências vivenciadas coletivamente permitem a criação de laços e vínculos solidários, o aprendizado mútuo e a valorização do saber de cada ser. Como afirmam Brandão e Borges (2008, p. 19):

Aprender é estar dentro de um tempo interativo de diálogo com o outro. Aprender é abrir-se a um outro para criar com ele a experiência objetivamente solidária (sempre interativa) subjetivamente pessoal (sempre um gesto único, interior) de descobrir junto e integrar sozinho o milagre do saber. E educar é saber construir o momento do diálogo dentro do qual educador e educando criam, um-com-o-outro, um-através-do-outro, um saber de construção comum e, ao mesmo tempo, uma descoberta profundamente solitária, imensamente pessoal. Eis o fio do seu mistério.

A Educação Popular, historicamente, foi se constituindo no fio desse mistério. E nesta mesma esteira foi criado o GT06 da ANPEd. Segundo Fleuri, a ANPEd, fundada em 1976, realiza Reuniões Anuais desde 1978⁶. Em 1981, durante a quarta reunião (realizada em Belo Horizonte) foi proposta a estrutura em Grupos de Trabalho. O primeiro encontro do GT06 ocorreu na 5ª RN em 1982⁷, sob a coordenação de Osmar Fávero e de José Peixoto Pereira Filho (Fleuri, 1999).

⁶ Em 2013 ocorreu a última Reunião Nacional (36ª) em anos consecutivos. A partir de 2014, as reuniões passaram a ser bianuais, em anos intercalados com as Reuniões Científicas Regionais.

⁷ Em 2022 o GT06 completou 40 anos e o presente ensaio compõe um rol de atividades e publicações realizadas como parte das celebrações desse percurso.

O GT06 vem representando um espaço de partilha para que pesquisadores e pesquisadoras de distintas áreas de atuação e regiões do país e do continente, possam ampliar sua compreensão sobre a sociedade em movimento, como destaca Streck (2009).

Em torno desse grupo reúnem-se profissionais vinculadas a diversos núcleos de pesquisa que se debruçam sobre os problemas da EP a partir de referenciais teóricos que convergem para a reflexão de que um novo mundo é possível. A integração dos projetos e redes que despontam nos países latino-americanos representa um eixo sustentador para que os resultados da EP ultrapassem o nível do micro em direção ao macrossocial. É nesse movimento que se reforçam as relações objetivas e intersubjetivas que promovem conhecimentos socialmente construídos e ressignificados (Batista, 2005).

A EP consiste, então, na identidade de um movimento que parte da organização das classes populares em seus desafios concretos de cada realidade específica. Não é, portanto, um nível nem uma modalidade de trabalho pedagógico interno ao sistema de ensino, mas a necessidade dos movimentos sociais estabelecerem sua prática pedagógica e se organizarem com ideias e estratégias de luta contra-hegemônica (Zitkoski, 2017, p. 75).

Os processos de EP, entendida como uma maneira de perceber, de ver e viver o mundo (Vasconcelos, 2014), se dão em/no movimento social, como um lugar de sua realização, e também na ação e prática pedagógica (Brandão, 1985), partilhados com aquelas pessoas que se propuseram a empreender caminhos comuns.

Conforme Souza e Vasconcelos (2019, p. 141), a EP “exprime um conteúdo que se origina na realidade, adquirindo diferenciadas modalidades de trabalho pedagógico, pois ele está dirigido e dirigindo todos os envolvidos no processo educativo”. Assim, a EP é estruturada e instaurada na luta pela superação da “cultura do silêncio” imposta pelo poder hegemônico, preconizando uma consciência crítica em um perene exercício de formação política.

Nessa perspectiva, o GT06 vem representando, historicamente, o protagonismo na formação de professoras e pesquisadoras identificadas na articulação das práticas pedagógicas delas com a EP, desde a Educação Infantil até o nível de pós-graduação, uma vez que, conforme Souza e Vasconcelos (2019, p. 123), a EP “busca uma filosofia e um método para encontrar o sentido, a natureza, os propósitos e a identidade entre os oprimidos”.

Freire nos convoca a assumir algumas posturas basais:

A responsabilidade ética, política e profissional do docente lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do docente. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (Freire, 2001, p. 259).

Tomando como ponto de partida o ponto final do livro organizado por Reinaldo Matias Fleuri e Marisa Vorraber Costa, que realizaram um meticuloso trabalho de pesquisa sobre os artigos publicados no GT 06 – Educação Popular, da ANPEd (intitulado “Travessia: questões e perspectivas emergentes na Pesquisa em Educação Popular”) – damos sequência à travessia, assumindo a incompletude de todo e qualquer processo no viver.

Esta importante produção traz um compêndio dos primeiros 20 anos de produção do GT06 (Fleuri; Costa, 2001), utilizando como referência as questões relativas à cultura, à subjetividade, ao imaginário e às representações sociais, problematizando as concepções metodológicas e os pressupostos epistemológicos da Educação Popular. Naquela oportunidade, o autor e a autora sugeriram:

um estudo mais atento dos trabalhos discutidos no GT Educação Popular, no sentido de apreender suas contribuições específicas para a discussão sobre a questão epistemológica e metodológica da Educação Popular, numa década [1990] em que a ANPEd veio mobilizando os pesquisadores em educação no Brasil em torno de temáticas que focalizam a crise dos paradigmas, os fundamentos da ética e da ciência, do poder e da política, a globalização e exclusão social, as tensões entre a pesquisa e a política, o conhecimento e poder (Fleuri; Costa, 2001, n. p.).

O presente ensaio se propõe, portanto, a seguir essa travessia, uma vez que procura deslindar, a partir da produção científica dos últimos 21 anos nos Anais da ANPEd, especificamente do GT06, quais as principais palavras geradoras presentes nessas publicações e o que elas revelam/desvelam. Em função disso, pretendemos apreender novos elementos sobre como essa práxis educativa rebelde e insurgente vem alicerçando sua cosmovisão por meio das investigações e práticas que a sustenta.

Portanto, como nos sugere Walsh (2014), nos parece fundamental caminhar perguntando: o que as pesquisas realizadas no âmbito da EP e publicadas nos Anais do GT06 da ANPEd ensinam? Quem vem pesquisando nessa área? De onde vêm? A que e a quem servem essas pesquisas? Que denúncias e anúncios apontam?

Importante salientar que este ensaio está circunscrito em uma pesquisa maior que objetiva aprofundar as discussões aqui propostas e fomentar trabalhos futuros no sentido de fortalecer práticas que conduzam a transformação da realidade opressora em que a imensa maioria da população do continente se encontra.

Entendemos que analisar pesquisas que engendram problematizações sobre teorias, métodos e epistemologias reconhecidas acadêmica e socioculturalmente é ponto fulcral para o entendimento de dada produção científica. E assumimos esse desafio tendo consciência da inconclusão dos resultados levantados.

Peneiras de garimpagem

A metodologia deve estar fundamentada em uma concepção teórica que a sustente. As técnicas, em si mesmas, representam apenas instrumentos, dispositivos provocadores, acionadores de processos de reflexão e de análise, de construção coletiva de conhecimento, pontas da epistemologia que as sustenta.

A metodologia científica em que se fundamenta a EP, essencialmente qualitativa, compromete-se com a procura de uma conceitualização organizadora das distintas dimensões da realidade de um modo coerente e, além disso, com a permanente rejeição ao sectarismo, já que a totalidade social não é sectária.

Elegemos, para a construção desse ensaio, como nossa peneira de garimpagem, a abordagem do Estado da Arte. De acordo com Ferreira (2002) uma das principais motivações para a execução de uma pesquisa baseada no Estado da Arte é o “desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito” (Ferreira, 2002, p. 259), o que leva os/as pesquisadores/as a “dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade” (Ferreira, 2002, p. 259). Segundo Nóbrega e Therrien (2004), essa modalidade investigativa tem também o objetivo de mapear e discutir uma certa produção científica/acadêmica em determinado campo do conhecimento, em um determinado intervalo temporal. Assim, o *corpus* teórico desta análise consiste nos trabalhos publicados entre a 23ª e a 40ª RN⁸, sendo 48 Resumos Expandidos (referentes a 39ª e 40ª

⁸ Foram levantados dados de todas as Reuniões Nacionais constantes na página da ANPEd. Não constam nessa página registros da 33ª RN.

RN⁹) e 223 trabalhos completos, com a participação de 338 autoras e autores¹⁰. O primeiro passo para a coleta dos dados foi levantar as produções supracitadas do GT06 constantes no site da ANPEd, no período em tela, salvá-las em arquivos e organizá-las em pastas específicas.

Depois disso, a partir da utilização da ferramenta *Voyant Tools*¹¹ – aplicativo de código aberto (*open source*), disponível *online*, gratuitamente, que permite a análise de textos separada ou conjuntamente, utilizando técnicas de mineração de dados textuais em diferentes níveis – foram levantadas as palavras geradoras mais frequentes, separando os resultados de cada RN.

Os produtos gerados pelo *Voyant Tools* - listas de frequência de palavras, gráficos de distribuição de frequência e exibições de KWIC – permitem a extração rápida das características de determinado corpus teórico, ampliando a possibilidade de descoberta de temas. Dessa forma, o *Voyant Tools* se configura como um ambiente de análise, leitura e visualização de textos que, por tentar equilibrar facilidade de uso com uma gama de funções interpretativas e analíticas, atinge uma ampla gama de usuários – estudantes, pesquisadores, jornalistas, analistas de mercado, entre outros¹².

Reduzimos a busca às vinte e cinco palavras¹³ mais frequentes em cada RN. Foram elaboradas “nuvens de palavras” (sistematizadas anualmente por blocos e uma geral). Posteriormente foram lidos todos os títulos das 271 publicações e organizados outros grupos de dados, também elencando as 25 palavras mais presentes somente nos títulos.

⁹ Nessas reuniões o formato aceito para trabalhos completos passou a ser o de resumo expandido.

¹⁰ Importante salientar que várias autoras e autores que fazem parte, historicamente, do GT06, vêm compartilhando as pesquisas deles/as, em coautoria ou não, com as/os orientandas/os deles. Assim, no recorte temporal aqui realizado, diversos nomes se repetem e representam importantes referências para a Educação Popular. Citamos somente algumas pessoas que já assumiram a coordenação do GT, para não nos alongarmos na lista (em ordem alfabética), muito embora tenhamos consciência de que somos muitas outras: Danilo Romeu Streck, Edla Eggert, Elisa Pereira Gonsalves; Eymard Vasconcelos, Flávio Brayner, Gelsa Knijnik, Jadir de Moraes Pessoa, José Peixoto Filho, Maria Teresa Esteban, Maria Tereza Goudard Tavares, Maria Waldenez de Oliveira, Reinaldo Matias Fleuri, Telmo Adams e Valéria Oliveira de Vasconcelos.

¹¹ Recentemente, como parte das celebrações ao centenário de Freire, a revista *Práxis Educativa* lançou um Dossiê intitulado “Paulo Freire (1921-2021): 100 anos de história e esperança”. Entre saborosos e provocantes artigos está um em particular escrito por Pedro Pontual e Maria Auxiliadora Machado intitulado “A atualidade do pensamento de Paulo Freire para reinventar as práticas de formação política no âmbito da educação popular”. No texto, discutem a formação política no âmbito do Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe (CEAAL) e buscam identificar algumas categorias freireanas, utilizando como instrumento o *software Voyant Tools*. Nos inspiramos nesse artigo para a metodologia do estudo do qual emerge o presente ensaio.

¹² Disponível em: http://www.larhud.ibict.br/index.php?title=Voyant_Tools. Acesso em: 15 set. 2023.

¹³ Esse número é o mínimo de palavras permitido pelo aplicativo para a elaboração de figuras/imagens, como a nuvem de palavras.

Por fim, ainda na coleta de dados, foram garimpadas informações sobre o número de mulheres e homens que aparecem nas autorias e coautorias dos textos, bem como as Instituições de Ensino Superior que representam.

Em função de ainda estarmos nos familiarizando com a ferramenta *Voyant Tools*, o levantamento dessas informações foi realizado manualmente, com a leitura dos textos e conseqüente separação/organização de autoras, autores e instituições de ensino superior.

Resultados e discussão - Atravessando percursos, compreendendo trajetórias

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. (João Guimarães Rosa).

As travessias da EP se fazem na ação – na prática insurgente, contra-hegemônica e libertadora, como projeto de ação social de vocação popular e na constante reflexão sobre a ação. Do desvelamento das ações engendradas nas últimas décadas, emergiram algumas pistas para atingir inéditos viáveis, tão necessários no momento atual. A “prática” é uma das palavras geradoras¹⁴ encontradas na produção teórica do GT06 em que, assim como propõe Brandão (1985), se pauta o papel da cultura e da educação como formas de transformação social.

Com vistas a responder uma das perguntas inspiradoras desta pesquisa - quem vem pesquisando no GT06? - a primeira constatação que emergiu foi a massiva presença de mulheres pesquisadoras nos últimos 21 anos. Dentre os 271 trabalhos apresentados e entre as 338 autorias, temos 245 mulheres como autoras e/ou coautoras (72,5%) e 93 homens (27,5%) nessa condição, não estando disponíveis informações sobre a participação de pessoas trans e não-binárias.

Esses dados revelam uma tendência na área de Ciências Humanas, coincidindo com um estudo aprofundado realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2022, sobre o contexto de Mulheres e Meninas em STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, na sigla em inglês), em toda a América Latina e Caribe. Os resultados, apesar de apontarem o fato de as desigualdades permanecerem em várias regiões e contextos, indicam também que em

¹⁴ Como sinalizado anteriormente, destacamos 25 palavras geradoras e, delas, 10 foram problematizadas ao longo desta seção do ensaio.

certos setores disciplinares, as mulheres aparecem em posição de destaque, como nas ciências médicas e de saúde e na investigação das Ciências Sociais na maioria dos países (Bello; Estébanez, 2022).

Por outro lado, dentre os dados disponíveis nos Anais das RN/GT06/ANPEd, observamos que, das 43 pessoas que assumiram a coordenação, a vice coordenação e/ou o Comitê Científico, em vários momentos com presenças e nomes se revezando, 25 (58%) foram mulheres e 18 homens (42%). Quando focamos somente para aquelas e aqueles que assumiram a coordenação/vice coordenação, esse número se iguala (50%). Essa relação parece corroborar com uma menor representatividade feminina em espaços de poder, mesmo considerando um crescente “reconhecimento do trabalho das mulheres na Ciência e a sua capacidade de ascender a posições de liderança” (Bello; Estébanez, 2022, p. 9). Isso se agrava em outras áreas, que não a da Educação:

Dentro do contexto do Ensino Superior, a despeito das melhorias no acesso ao nível de graduação e pós-graduação nos últimos anos, as mulheres são muito menos propensas a progredir para além do nível de mestrado ou a adentrar em campos de pesquisa: globalmente, 71% dos pesquisadores universitários são homens (UNESCO, 2020). Na área de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, na sigla em inglês), essa disparidade é ainda mais acentuada. Apenas 3% dos prêmios Nobel de ciências foram concedidos a mulheres e, mais perto de casa, no Brasil, a representação de mulheres em cargos de liderança na área de Ciência e Tecnologia está entre 0% e 2% (Bello; Estébanez, 2022, p. 8).

Como afirma Cordeiro (2013, p. 1) os sujeitos na história da educação são mulheres. E complementa: “Somos muitas e de muitas cores. Feitas de lágrimas e sorrisos. Somos professoras. Somos pesquisadoras. Temos histórias, temos marcas, temos saberesfazeres”.

A marcada presença feminina no GT06 fortalece as lutas feministas e anti-sexistas, mesmo quando essa temática é tratada por pesquisadores homens. Apesar de não abordar especificamente essa questão, Brayner (2007) nos instiga a refletir com um interessante título com foco no diálogo na EP: “Somos homens e mulheres de palavra”. E entendendo palavra e mundo, palavramundo (Freire, 1989), de maneira dialeticamente solidária, buscamos coerência entre o que pesquisamos, em que contexto, de onde e o que escrevemos, o que professamos e o que fazemos. Em concordância com Azibeiro (2004, p. 1), ao investigar o “jeito do GT06” nos primeiros anos da década de 2000, revela que:

“o diálogo entre perspectivas que se assumem e se respeitam como diferentes é a primeira marca desse caminho que vem sendo construído no GT 06”.

Nossa luta é com os homens, com as mulheres, com as pessoas não binárias, e isso se demonstra nas investigações e escritos levantados na produção aqui elencada.

Quando nos perguntamos sobre de onde vêm as pesquisadoras da área, um recorte feito com relação às Instituições de Ensino Superior (IES) representadas nos últimos 21 anos, mostra o seguinte: a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) aparece com 38 trabalhos; seguida da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com 26 publicações; da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) com 21; da Universidade Federal Fluminense (UFF) com 20; e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) com 20, para citar somente aquelas com maior número de propostas aceitas¹⁵.

Esses dados indicam que a participação no GT06 nas RN/ANPEd, com apresentação de trabalhos, ainda está fortemente concentrada entre as Universidades das regiões Sul e Sudeste, com prevalência das IES Públicas, seguidas pelas universidades confessionais e comunitárias e, com menor representação, pelas privadas.

Em uma análise breve e inicial, tal representatividade pode estar atrelada à presença de grupos de pesquisa consolidados nas IES cuja temática central é a EP. Outra diz respeito à dificuldade de locomoção nas distâncias continentais do Brasil, o que se configura como um grande obstáculo à participação de pessoas das diferentes regiões geográficas, uma vez que a maior parte das RN foram realizadas no Sudeste¹⁶.

Outro relevante ponto a se considerar com relação à presença nas RN é que os valores da taxa de associação e de inscrição nos eventos da ANPEd são proibitivos para grande parte do público com quem atuamos, o que demanda inúmeros arranjos individuais e/ou interpessoais. Uma possível forma de minimizar essas questões é a busca por ampliar os fomentos para pesquisa e apoios à participação em congressos, principalmente entre IES das regiões Norte e Nordeste, além de dedicarmos especial

¹⁵ Importante ressaltar que esses números podem sofrer alteração caso sejam computados também os pôsteres e resumos de trabalhos em andamento. A intenção aqui não é a de propor um “*ranking*” ou uma competição entre as IES, mas unicamente a de ilustrar a diversidade de instituições e regiões de onde se originam os/as integrantes do GT06 nesses últimos anos.

¹⁶ As catorze primeiras, entre 1978 e 1991, foram organizadas de forma itinerante, assim distribuídas: 1ª - Fortaleza/CE; 2ª - São Paulo/SP; 3ª - Salvador/BA; 4ª Belo Horizonte/MG; 5ª - Rio de Janeiro/RJ; 6ª - Vitória/ES; 7ª - Brasília/DF; 8ª - São Paulo/SP; 9ª - Rio de Janeiro/RJ; 10ª - Salvador/BA; 11ª - Porto Alegre/RS; 12ª - São Paulo/SP; 13ª - Belo Horizonte/MG; 14ª - São Paulo/SP. Entre 1992 e 2010, todos os encontros nacionais foram conduzidos em Caxambu/MG. Depois disso, as RN voltaram a ser itinerantes: a 34ª em Natal/RN; a 35ª em Porto de Galinhas/PE; a 36ª em Goiânia/GO; a 37ª em Florianópolis/SC; a 38ª em São Luís/MA; e a 39ª em Niterói/RJ. Durante a pandemia tivemos a 40ª RN em Belém/PA e agora, em 2023, será realizada a 41ª em Manaus/AM.

atenção às formas mais solidárias de mobilização, transporte e hospedagem para estudantes e profissionais de baixa renda. Ou seja, precisamos injetar mais Economia Solidária na ANPEd.

Muitas pistas se apresentam com a emersão das palavras geradoras mais frequentes entre as publicações no GT06, como mostra a figura abaixo.

Figura 1 – Nuvem com as palavras mais frequentes nos trabalhos completos entre a 23ª e a 40ª RN/GT06/ANPEd



Fonte: Elaboração da autora e do autor, a partir do *software Voyant Tools* (2023).

A nuvem de palavras acima explicita, em uma primeira análise, os resultados dos esforços do GT06 - representado pelas pessoas responsáveis pelas Coordenações, Comitês Científicos e *Ad Hoc*s – em privilegiar e procurar aceitar somente os trabalhos aderentes à *Educação Popular*, que se configurou como a palavra geradora mais citada em todas as RN dos últimos 21 anos. Devemos reconhecer, entretanto, que pontual e excepcionalmente alguns dos trabalhos mostraram pouca proximidade com a área.

Além da EP, uma das palavras mais citadas entre os trabalhos do GT06 é “Educação”. Sobre isso Brandão (2020, p. 191, grifo nosso) nos provoca e convoca a refletir com a seguinte pergunta: “o que é a educação?”¹⁷. Para ele:

O destino do conhecimento humano é estar permanentemente circulando. É realizar-se como um fluxo sem fim entre pessoas e entre coletivos de pessoas. Tudo o que a humanidade criou e segue criando, entre as ciências, as artes e a filosofia, deságua na *educação*. Por isso

¹⁷ Essa provocação é feita no clássico livro de 1980, “O que é Educação”. Em 2020 Brandão publicou, pela Editora Espaço, uma nova edição, potente e ampliada, com o título: “O que é a educação?”.

“aquele que ensina” não é apenas um “ensinante”, mas é um “portador de saber”.

Seguindo a travessia, o perene questionamento – sobre a favor de que e de quem estamos quando fazemos educação – se revela na recorrente presença das palavras “sociedade”, “social” e “sociais”. Isso denota a intencionalidade das ações e práticas da EP e o compromisso social e ético com as camadas oprimidas que as pesquisas comportam.

Nosso público é representado pelos coletivos em situação de vulnerabilidade, pelas camadas empobrecidas, pelos esfarrapados do mundo. Complementarmente, os termos “popular/populares” também se destacam e referem-se, principalmente, à extensão popular, à cultura popular, à participação popular, às classes e camadas populares, aos grupos e atores populares, entre outras. Assim, os sujeitos da EP, presentes nos trabalhos do GT06, são crianças, adolescentes, homens e mulheres residentes nas periferias das cidades, nas ruas, nas favelas e comunidades, migrantes, prostitutas, populações tradicionais, camponesas e camponeses, professoras e professores, trabalhadores e trabalhadoras rurais e urbanos, indígenas, integrantes de movimentos sociais, entre todas aquelas pessoas oprimidas pela máquina mortífera do capitalismo.

Conforme assevera Freire (1996, p. 128):

Não creio que as mulheres e os homens do mundo, independentemente até de suas opções políticas, mas sabendo-se e assumindo-se como mulheres e homens, como gente, não aprofundem o que hoje já existe como uma espécie de mal-estar que se generaliza em face da maldade neoliberal. Mal-estar que terminará por consolidar-se numa rebeldia nova em que a palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso solidário, a denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio de um mundo “genteficado” serão armas de incalculável alcance.

Nessa luta nos juntamos contra o discurso sectário e procuramos, com os sujeitos envolvidos, desvelar as injustiças e desocultar a mentira ideológica, a favor de uma Pedagogia democrática que parta “das ansiedades, dos desejos, dos sonhos, das carências das classes populares” (Freire, 1992, p. 36).

Outro dado significativo é que “Paulo Freire” apareceu como duas das palavras mais citadas tanto nos títulos como no conteúdo dos trabalhos como um todo. Isso demonstra como o legado dele vem sendo valorizado e perpetuado no GT06.

Essa informação corrobora os achados trazidos por Pavan (2008, n. p.), na 31ª RN da ANPed:

Quanto à presença de Freire no GT de Educação popular, obtivemos os seguintes resultados: em 2003, dos 10 trabalhos apresentados, 6 citam Freire (60%); em 2004, dos 11 trabalhos listados na programação do GT, 6 citam Freire (54,5%); em 2005, dos 14 trabalhos listados na programação oficial, 8 citam Freire (57,15); em 2006, dos 13 trabalhos¹⁸ listados na programação, 9 citam Freire (69 %); por fim, em 2007, dos 14 trabalhos listados na programação oficial do GT, 10 citam Freire (71,42%).

A autora analisa os 39 trabalhos que citam Freire e chega à conclusão de que a obra dele contribui para fundamentar a história e a prática dialógica da EP, além de salientar seu compromisso com as pessoas oprimidas. Ressalta também como pontos centrais o processo de conscientização e os “círculos de cultura” propostos pelo autor.

Para Brandão (2017), Paulo Freire é o criador de ideias e o educador mais recordado da EP, mas esta não se restringe ao pensamento dele, uma vez que representa uma invenção genuinamente latino-americana de cunho coletivo e conectivo. Nessa perspectiva, a EP, desde seu surgimento, segue sendo uma das experiências mais ricas e vivas entre nós, com vocação crítica, criativa, insurgente e transformadora.

Nesse trilhar, apesar de, no senso comum, a EP ter estado atrelada às práticas da educação não escolar e à educação de adultos, os dados coletados nas RN/ANPED desde 2000 demonstram que a Educação Popular foi para a escola! “Escola” foi uma das palavras mais presentes em todas as publicações do *corpus* teórico da pesquisa, o que nos leva a confirmar que “no espaço escolar, a educação popular tem buscado aprofundar a relação escola-comunidade, como também democratizar a gestão e construir o protagonismo infanto-juvenil” (Brandão; Assumpção, 2009, p. 98). É preciso destacar também que, de acordo com o autor e a autora, foi a partir da luta pela escola pública e das primeiras iniciativas de combate ao analfabetismo, que muitas conquistas foram obtidas na área da educação.

E é como projeto dialógico de (trans)formação política com crianças, professoras, gestoras e familiares, que as práticas pedagógicas vêm se articulando. A formação docente ocupa lugar relevante nesse percurso.

¹⁸ Na verdade, contém 14 trabalhos, mas um trabalho não está acessível, portanto foram considerados apenas 13 trabalhos.

Como afirma Tavares (2016), é fundamental pensar a atividade docente como trabalho intelectual, contrastando com as concepções instrumentais e meramente técnicas da docência. Ainda mais, corroborando com o pensamento freiriano, Esteban (2019) assevera que a formação docente nos conchama a reflexões constantes sobre as práticas que a conduzem e deve ter como foco tanto os/as professores/as em formação nos cursos de Pedagogia como aqueles/as que já exercem o magistério, além dos/as estudantes presentes nas escolas públicas. Para a autora, o diálogo é que servirá como veículo para a superação dos “desconhecimentos daqueles/as que se colocam em relação; desconhecimentos resultantes do encontro com as diferenças e desigualdades que se pronunciam e se promovem no cotidiano escolar, como parte das múltiplas experiências que tecem a vida” (Tavares, 2016, p. 80). É na relação dialógica que podemos consolidar a compreensão e a atuação críticas para transformar a realidade.

Entranhadas nessas experiências que tecem a vida, nos constituímos como seres humanos, uma vez que somos seres biófilos, seres no mundo, com o mundo e com os outros. As palavras “saúde” e “vida” circunscrevem-se neste ponto de vista.

Os princípios político-pedagógicos da Educação Popular são tomados como ferramentas de agenciamento para participação em defesa da vida e como estratégias para a mobilização social pelo direito à saúde. O papel agenciador da Educação Popular se faz pelo pinçar e fomentar atitudes de participação no sentido de sempre mudar realidades, tornando-as vivas, criativas e correspondentes ao desejo de uma vida mais feliz (Pedrosa, 2007, p. 15).

A palavra “pesquisa” aparece às centenas nos artigos levantados. Entretanto, para melhor compreender se tal verbete pode ser utilizado como palavra geradora, seria necessário um maior aprofundamento nas leituras. Certamente algumas investigações tomam a pesquisa como categorias de análise. Entretanto, é muito provável que a grande recorrência do termo se dê em função de nomear o artigo como pesquisa acadêmica e/ou científica. Por outro lado, como afirma Freire (1996), não há educação sem pesquisa e, dessa forma, ampliar a discussão sobre como a pesquisa vem se dando no campo da EP, e mais especificamente na história do GT06, nos parece um profícuo terreno de reflexões.

De acordo com Brandão (2006), ao referir-se especificamente à pesquisa participante, modalidade intrinsecamente associada à EP:

a confiabilidade de uma ciência não está tanto no rigor positivo de seu pensamento, mas na contribuição de sua prática na procura coletiva de

conhecimentos que tornem o ser humano não apenas mais instruído e mais sábio, mas igualmente mais justo, livre, crítico, criativo, participativo, co-responsável e solidário. Toda a ciência social de um modo ou de outro deveria servir a política emancipatória e deveria participar da criação de éticas fundadoras de princípios de justiça social e de fraternidade humana (Brandão, 2006, p. 4).

Se denúncia e anúncio se retroalimentam, dialeticamente, na práxis da Educação Popular, são exatamente essas potências e fragilidades estudadas nos cotidianos, nos territórios, nas fronteiras, nas brechas, nas margens, nas redes e/ou coletivos que podem ampliar e aprofundar o conhecimento necessário para outras formas possíveis de fazer Educação.

Considerações Finais – *Viver nem não é muito perigoso?*

Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (João Guimarães Rosa).

Neste ensaio nos propusemos a traçar um retrato da produção do GT06 nos últimos 21 anos. E neste perscrutar encontramos pistas que indicam a travessia, mas findamos com muitas questões em aberto, que nos remetem a novos desafios.

Consideramos que “Nós, mútua e dialogicamente, nos ensinamos-e-aprendemos uns-às-outras, umas-com-os-outros, a partir de nossas diferenças e em nome de tornar um dia inexistente tudo aquilo que ainda nos faz sermos desiguais” (Brandão; Vasconcelos, 2018, p. 296). Assim, nos inquieta entender melhor o quanto as pesquisas elencadas, tão diversas entre gentes e territórios, estão contribuindo para o que Souza e Novais (2021) denominam “resistência propositiva popular” em seus próprios contextos.

Quais são as estratégias que vêm se consubstanciando em formação ética e política capazes de contribuir para uma consciência crítica potente o suficiente, consolidando novas práticas no cotidiano?

Seguimos sendo instadas a incorporar a radicalidade freiriana, nos distintos territórios brasileiros e latino-americanos, assumindo a postura daquela que:

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo,

nem dono dos homens e mulheres, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar (Freire, 1977, p. 24).

Essa proposição de Freire nos leva a reconhecer nosso fundamental papel de pesquisadoras, educadoras populares, professoras na construção de inéditos-viáveis que auxiliam no enfrentamento dos tantos desafios que se mostram no presente. E, para tanto, a poesia de Brandão encharca de sensibilidade novas travessias:

Nós, as pessoas que educam

Nós, educadoras e educadores
de pessoas, da vida, da cultura e da sociedade,
aprendemos e ensinamos porque cremos
que somos também, como a própria vida,
feitos de água, de barro e de fogo
e por isso somos o desejo e o amor.
Somos feitos de terra e de vento
e, assim, somos eternos como a vida
e somos passageiros como a flor.
Somos a luz, a sombra, o claro, a escuridão.
E somos o criar da nossa história,
entre o saber da ciência e a poesia
e tudo o que há em nós entre a mente e o coração.
Somos o espaço e o tempo, e somos o fluir da vida
o dia de sempre, o nunca e o agora.
Somos a imensidão da Terra, nossa casa,
E somos o vir da noite e o chegar do dia,
e somos o ser do sol e o do céu e o do chão.
Somos o silêncio e o som do saber
O estudo somos, e a partilha do agora e do futuro.
Somos parte do amanhã de uma criança
Somos o esquecimento e somos a lembrança.
Somos a coragem de acender o fogo do esquecido.
E somos o encontro, o aconchego e o abandono.
A espera somos nós, e somos a esperança.
Somos o perene, o fluir e o momento,

a árvore, a pedra, o vento e a flor.
Somos a energia, a luta e a paz.
Somos a vida criada e o criador.
Somos o mundo que sente,
e irmãos da vida saberemos ser.
Somos a aventura de lembrar o que se esquece
E somos quem acende de novo fogueira
De toda a sabedoria adormecida.
Somos quem acorda a consciência,
Desvela o afeto, e se arma de ternura
Para semear o saber e a rebeldia.
Assim, em cada ser que nasce há nossa alma
Em cada ser que aprende a nossa aura
E em cada gesto do saber que liberta, a nossa vida¹⁹.

Educação popular, presente! Brandão (1940-2023), presente!

Referências

AZIBEIRO, N. E. Qual o jeito do GT06? Uma incursão em busca de pistas. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu. **Anais** [...] Caxambu: ANPed, 2004. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/qual-o-jeito-do-gt-06-uma-incursao-em-busca-de-pistas>. Acesso em: 18 set. 2023.

BATISTA, M. S. X. Educação Popular em movimentos sociais: construção coletiva de concepções e práticas educativas emancipatórias. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. **Anais** [...] Caxambu: ANPed, 2005. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/educacao-popular-em-movimentos-sociais-construcao-coletiva-de-concepcoes-e-praticas>. Acesso em: 18 set. 2023.

BELLO, A.; ESTÉBANEZ, M. E. **Uma equação desequilibrada**: aumentar a participação das mulheres na STEM na LAC. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), 2022. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/policypapers-cilac-gender-pt.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023.

BRANDÃO, C. R. **O que é a educação?** Goiânia: Espaço, 2020.

¹⁹ Poesia que finaliza os “Escritos, memórias e imaginários entre a pedagogia e a poesia”, entremeados com breves escritos de Paulo Freire, para estabelecer diálogos transgressivos e transversais junto a pessoas do Grupo de Educação Popular da ANPed, na manhã de segunda-feira, 18 de outubro de 2021, quatro dias depois do “dia da Professora”, em tempos de pandemia virótica, pandemônio político e extremos e crescentes perigos ambientais” (Brandão, 2021, n. p.).

BRANDÃO, C. R. A educação como cultura. Memórias dos anos sessenta. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 23, n. 49, 2017. DOI 10.1590/S0104-71832017000300014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JXKXLMzzHtJCsDBJ74gqndF/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2023.

BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (org.). **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

BRANDÃO, C. R.; ASSUMPÇÃO, R. **Cultura rebelde**: escritos sobre educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. Criar com o outro: o educador do diálogo. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2009. DOI 10.14393/REP-2008-20096. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20096>. Acesso em: 18 set. 2023.

BRAYNER, F. H. A. Homens e mulheres de palavra: sobre o diálogo. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. **Anais [...]** Caxambu: ANPed, 2007. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/homens-e-mulheres-de-palavra-sobre-o-dialogo>. Acesso em: 18 set. 2023.

CORDEIRO, D. Q. R. A mulher e a docência: histórias de militância. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013, Caxambu. **Anais [...]** Caxambu: ANPed, 2013. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/mulher-e-docencia-historias-de-militancia>. Acesso em: 18 set. 2023.

ESTEBAN, M. T. Diálogos sobre formação docente para a formação de uma escola pública popular. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 24, n. 52, p. 171-192, set./dez. 2019. DOI 10.20435/serie-estudos.v20i52.1355. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1355>. Acesso em: 18 set. 2023.

ESTEBAN, M. T. Educação popular: desafio à democratização da escola pública. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 9-17, jan./abr. 2007. DOI 10.1590/S0101-32622007000100002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/nfzYTnD5HPLQLsrvk3zCk4G/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2023.

ESTEBAN, M. T.; TAVARES, M. T. G. Educação Popular e a escola pública: antigas questões e novos horizontes. In: STRECK, D.; ESTEBAN, M. T. **Educação Popular**: lugar de construção social coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 293-307.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002. DOI 10.1590/S0101-73302002000300013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2023.

FLEURI, R. **Apresentação GT06 educação popular**. 1999. Disponível em: <https://www.anped.org.br/grupos-de-trabalho/gt06-educa%C3%A7%C3%A3o-popular>. Acesso em: 14 set. 2023.

FLEURI, R. M.; COSTA, M. V. **Travessia**: questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estud. av.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. DOI 10.1590/S0103-40142001000200013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/QvgY7SD7XHW9gbW54RKWHcL/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. **Política e educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época v. 23).

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JARA, O. H. **A educação popular latino-americana**: história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos. São Paulo: Ação Educativa; CEAAL; ENFOC, 2020.

NÓBREGA, S. M.; THERRIEN, J. Trabalhos científicos e o estado da questão. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 5–16, 2004. DOI: 10.18222/ea153020042148. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/ea/article/view/2148>. Acesso em: 18 set. 2023.

PAVAN, R. **A contribuição de Paulo Freire para a Educação Popular**: uma análise do GT de Educação Popular da ANPEd. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008, Caxambu. Anais [...] Caxambu: ANPed, 2008. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/contribuicao-de-paulo-freire-para-educacao-popular-uma-analise-do-gt-de-educacao>. Acesso em: 18 set. 2023.

PEDROSA, J. I. S. Educação Popular no Ministério da Saúde: identificando espaços e referências. *In*: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de educação popular e saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. p. 13- 18. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_educacao_popular_saude_p1.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

PONTUAL, P. C.; DELGADO MACHADO, M. A. A atualidade do pensamento de Paulo Freire para reinventar as práticas de formação política no âmbito da educação popular. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, p. 1–20, 2021. DOI 10.5212/PraxEduc.v.16.16623.058. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16623>. Acesso em: 8 maio 2023.

SOUZA, T. Z.; NOVAIS, G. S. A resistência propositiva popular nos contextos escolares e não escolares. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED*, 40., 2021, Belém. **Anais [...]** Belém: ANPed, 2021. Disponível em: http://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos?field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=31. Acesso em: 18 set. 2023.

SOUZA, T. Z.; VASCONCELOS, V. O. **Negando a negação**: arquivos e memórias sobre a presença negra em Uberaba/MG. Curitiba: Appris, 2019.

STRECK, D. R. Uma pedagogia em movimento: os movimentos sociais na obra de Paulo Freire. *In: MAFRA, Jason et al. (org.). Globalização, educação e movimentos sociais: 40 anos da Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora L, 2009. p. 63-72.

TAVARES, M. T. G. (Re)pensando o Vozes da Educação em São Gonçalo: desafios contemporâneos para a formação de professores(as) em periferias urbanas. *In: TAVARES, M. T. G.; BRAGANÇA, I. F. S. Vozes da educação 20 anos: memórias, políticas e formação docente*. Niterói: Intertexto, 2016. p. 75-98.

VASCONCELOS, E. M. Educação popular: instrumento de gestão participativa dos serviços de saúde. *In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de educação popular e saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. p. 18-30.

VASCONCELOS, V. O. Diálogos às margens: reinventando a educação popular em contextos de trabalho comunitário e pesquisa. *In: OLIVEIRA, M. W.; SOUSA, F. R. (org.). Processos educativos em práticas sociais: pesquisa em educação*. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 195-212.

VASCONCELOS, V. O.; BRANDÃO, C. R. 50 anos da Pedagogia do Oprimido: reflexões sobre (re)existência no Brasil e na América Latina. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 294-313, 2018. DOI 10.12957/riae.2018.38029. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/38029>. Acesso em: 18 set. 2023.

WALSH, C. Pedagogías decoloniales caminando y preguntando. Notas a Paulo Freire desde Abya Yala. **Revista Entramados: Educación Y Sociedad**, n. 1, p. 17-31, 2014. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/entramados/article/view/1075>. Acesso em: 18 set. 2023.

ZITKOSKI, J. J. Educação popular e movimentos sociais na América Latina: o desafio da participação cidadã **Educação**, Santa Maria, v. 42, n. 1, p. 73-84, 2017. DOI 10.5902/1984644420447. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/20447>. Acesso em: 18 set. 2023.